

A CONTROVÉRSIA DA EQUIVALÊNCIA NA TRADUÇÃO AUTOMÁTICA DE GRUPOS NOMINAIS

Juliana Ramos do Nascimento. (UFCG)

julinasmos@hotmail.com

Marcela de Melo Cordeiro Eulálio. (UFCG)

celinha.letas@hotmail.com

Orientador: Cleydstone Chaves dos Santos. (Doutorando UFSC-DINTER)

teachertone@gmail.com

INTRODUÇÃO

Atualmente, o inglês tem desempenhado um papel importante reconhecido mundialmente. Isto parece óbvio, ao perceber-se o grande número de falantes em tal língua, seja ela adotada como primeira língua, segunda língua e/ou estrangeira. Outros pontos, nos quais podemos perceber a importância do inglês são: seu status de língua oficial usado em diversas áreas, como meio de comunicação: educação, imprensa, comércio, política, artes, dentre outras; e o fato de tal língua ser prioridade no ensino de língua estrangeira em diversos países, como exemplo no Brasil (CRYSTAL, 2005).

Considerando a hegemonia da língua inglesa no cenário global, a tradução Automática (TA), desde seu nascimento (c.f: SMITH, 2001), vem assumindo cada vez mais distintos papéis na esfera acadêmica como o de intermediadora do saber (SANTOS, 2012). Sabendo da importância do inglês, ao mesmo tempo em que não possuem muito conhecimento da língua em questão, estudantes de graduação procuram o auxílio do tradutor automático, resultando no aumento de usuários da TA, neste contexto. Assim, objetivamos descrever as traduções da língua inglesa- língua de partida (L2)- feitas pelo TA para a língua portuguesa -língua de chegada (L1)-, observando quais equivalências da L1 são utilizadas pelo programa para traduzir L2, visto que, ao traduzirmos um texto de uma língua para outra é necessário adequarmos as equivalências a L1. Para tanto, nos baseamos na teoria de Baker (2011), ressaltando quais das seguintes equivalências são utilizadas pelo programa: a ordem canônica, a inserção de elementos, o apagamento de elementos, a equivalência no nível lexical, a equivalência acima do nível lexical, a equivalência gramatical, a equivalência textual e a equivalência pragmática. Para cumprirmos nosso objetivo, elegemos dois grupos nominais do texto “What Is Reading?” (SCHOENCACH, GREENLEAL, CZIKO, HURWITZ, 2005), são eles : “a complex process of problem solving” e “A good reader of a motorcycle repair manual”.

Esperamos que a descrição detida dos grupos nominais, feita no nosso trabalho, seja relevante para aqueles leitores inexperientes, no que diz respeito à utilização do Tradutor Automático da internet. Isto é, tentaremos passar para nossos leitores a importância do contexto e do conhecimento da L1, no momento da tradução do texto, ou seja, a tradução do texto depende do contexto, já que um discurso, ou uma estrutura linguística pode apresentar sentidos diferentes se colocados em situações diferentes. Uma mesma estrutura linguística pode aparecer em vários gêneros textuais, os quais, conforme Marcuschi (2003), Bakhtin (1997) e Bronckart (1999), são textos veiculados a uma função social, e por isso, podem apresentar sentidos diferentes. Tais autores estudam a língua, não só nos seus aspectos estruturais, mas também, na sua função discursiva e enunciativa. Neste caso, veremos o texto, não só como um todo formado por signos linguísticos, mas sim, um todo que apresenta

determinada função social, estando, assim, ligado a determinado gênero textual, seja ele uma tabuleta de jardim, um editorial, uma reportagem, entre outros.

1- UM POUCO DA TEORIA

Desde muito tempo, o homem procura aprimorar a tecnologia para facilitar seu trabalho, inclusive na tradução que é um trabalho minucioso. Assim, em meados da década de 50, com o surgimento do computador, foi possível a criação do Tradutor Automático, o qual, inicialmente, pareceu está substituindo a tradução humana, no entanto, tornou-se um auxílio para o trabalho do tradutor humano (SANTOS, 2012). Tal ferramenta está em constante adaptação, sempre adicionando novas línguas, sendo umas mais utilizadas do que outras, como é o caso do inglês, o qual possui status de língua global.

Da mesma forma que a tradução humana gera desconfianças e incertezas, a tradução automática também desperta insegurança para seus usuários, os quais precisam ter o conhecimento linguístico da língua de partida, bem como da língua de chegada, além de envolver conhecimento de mundo e textual.

Em decorrência disso, o usuário do tradutor automático necessita conhecer as equivalências constituintes da língua, utilizadas pelo programa, mas que precisam, muitas vezes, serem adequadas à língua de chegada, conforme as possibilidades sugeridas pelo próprio programa.

Segundo Baker (2011), a língua é constituída por equivalências que nos permite adequar a tradução imediata apresentada pelo programa, uma vez que, muitas vezes ela não está adequada ao nosso contexto, porém é nesse momento que podemos observar as possibilidades oferecidas pelo TA. Ou seja, além da tradução dada imediatamente, o tradutor online oferece ao usuário a chance de adequar o texto ao contexto, caso este não esteja adequado, uma vez que, existe uma variação na equivalência linguística da L2 para a L1, dificultando a busca pela equivalência mais correta para a língua de chegada. Vejamos abaixo as equivalências:

- 1- Equivalência na ordem canônica: refere-se à ordem dos constituintes no grupo nominal, como, por exemplo, no inglês, no qual o adjetivo vem anteposto ao núcleo nominal, diferentemente do português, em que, normalmente, o adjetivo vem posposto a tal núcleo e, quando anteposto, gera alteração no sentido.
- 2- Inserção de elementos: refere-se à inserção de elementos, no momento da tradução da língua de partida para a língua de chegada, como geralmente, acontece na tradução do inglês para o português, por exemplo, no grupo nominal “action film”, em que há a inserção da preposição “de”, ao traduzirmos para o português “filme de ação”.
- 3- Apagamento de elementos: refere-se ao apagamento de elementos, no momento da tradução da língua de partida para a língua de chegada, geralmente, devido a contração de elementos na última, como ocorre na tradução do inglês para o português. Por exemplo, ao traduzirmos o inglês “in the university” para o português “na universidade” há o apagamento de um dos elementos “in” e “the”.

- 4- Equivalência no nível lexical: refere-se ao sentido das palavras, no momento de tradução da língua de partida para a língua de chegada. Uma mesma palavra em inglês, por exemplo, pode ser representada por diversas palavras em português, como “reading”, em inglês, pode ser “leitura”, “ler” e “lendo”, em português.
- 5- Equivalência acima do nível lexical: refere-se ao sentido das palavras, no momento da tradução da língua de partida para a língua de chegada. Porém, nesse caso, uma mesma palavra pode ter diversos sentidos, não mudando sua estrutura linguística. Exemplo: se traduzirmos o inglês “I know portuguese”, podemos obter “eu sei português”, bem como, dependendo do contexto “eu conheço português”.
- 6- Equivalência gramatical: refere-se a concordância nominal e verbal, no momento da tradução da língua de partida para a língua de chegada. No inglês, “a” significa “um” e “uma”, no português, por isso, precisamos adequar, conforme o contexto. Da mesma forma, “read” representa o presente simples de “I”, “You”, “We”, “You” e “They”, no inglês, enquanto no português, precisa ser adequado conforme as regras da estrutura verbal da língua: “eu leio”, “tu lê”, “nós lemos”, “vós leis” e “eles leem”.
- 7- Equivalência textual: refere-se à adequação do grupo nominal traduzido ao contexto do texto ao qual ele pertence.
- 8- Equivalência pragmática: refere-se ao uso do grupo nominal traduzido, na língua de chegada. Para isso, estuda-se o contexto situacional do léxico.

Após adquirir o conhecimento do uso das equivalências acima citadas, iremos analisar os grupos nominais selecionados em nossa metodologia, utilizando não só de tais equivalências necessárias na tradução, bem como também dos conhecimentos linguístico, textual e enciclopédico constituintes da nossa língua.

2- ANALISANDO OS GRUPOS NOMINAIS

Inicialmente, investigamos a tradução do primeiro grupo “a complex process of problem solving”, observando as equivalências utilizadas pelo programa, vejamos abaixo:

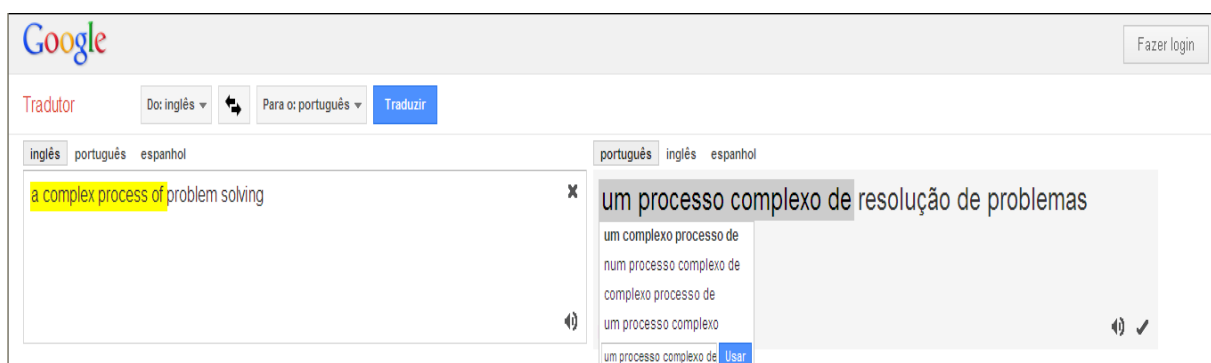


Figura 1: Tradução inicial do primeiro grupo nominal. Acesso: 16 de abril de 2012 às 11h10min.

No grupo nominal “a complex process of problem solving”, na língua inglesa, notamos que o núcleo é “process”, sendo este posposto ao adjetivo “complex”, uma vez que, no inglês o adjetivo vem antes do substantivo, que, geralmente, quando se trata do núcleo, vem antes da preposição, se esta estiver no grupo.

Ao vermos a tradução “um processo complexo de resolução de problemas”, feita pelo programa, é possível observarmos que houve a inversão, na ordem canônica, do modificador “complex” ao ser traduzido para o português brasileiro, cuja ordem canônica é diferente do inglês, já que o adjetivo vem posposto ao substantivo. Porém, embora esta tenha sido a opção escolhida por nós, existem várias outras possibilidades de interpretação sugeridas pelo mesmo, vistas abaixo, na figura 2:

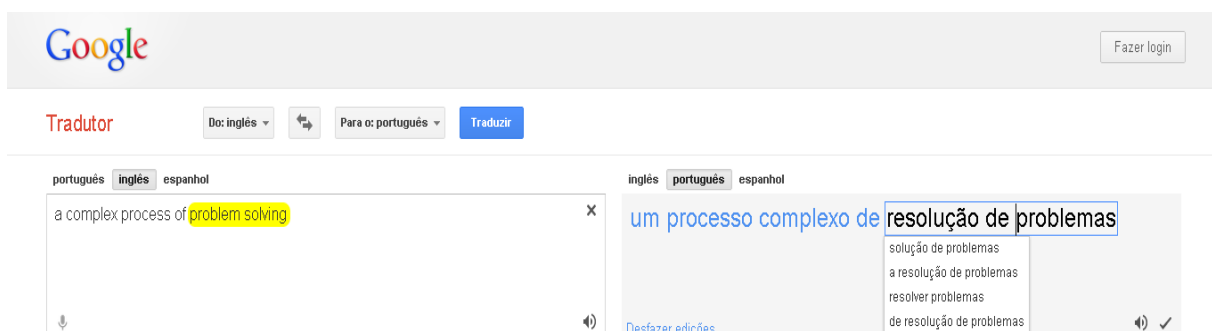


Figura 2: Possibilidades de traduções apresentadas pelo programa para a primeira parte do GN. Acesso: 16 de abril de 2012 às 11h12min.

Observamos, então, que o próprio programa reconhece que existem outros contextos, sugerindo outras possíveis traduções, nas quais pode haver tanto inserção de elementos quanto o apagamento destes, contribuindo para a redistribuição sintática da língua de chegada L1. Na primeira parte “a complex process of” do grupo nominal em tela, temos, inicialmente, a permanência da ordem canônica da língua inglesa. Posteriormente, há a inserção de elementos, como: na segunda sugestão de tradução “num processo complexo de”, na qual foi inserida a preposição “em”, que se contraiu com o artigo “um”, na terceira sugestão “complexo processo de”, em que houve o apagamento do artigo “um”, e, por último, a quarta sugestão “um processo complexo”, que apagou a preposição “de” ao redistribuir os termos sintaticamente.

Para a segunda parte do grupo nominal “problem solving”, foram sugeridas, pelo programa, cinco possibilidades de tradução, listadas abaixo, na figura 3:

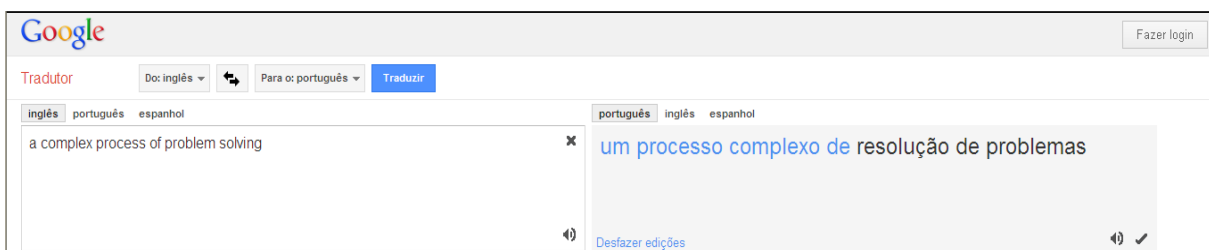


Figura 3: Possibilidades de traduções apresentadas pelo programa para a segunda parte do GN. Acesso: 16 de abril de 2012 às 11h30min.

Dentre as sugestões, nós escolhemos “resolução de problemas”, pois no plano da equivalência lexical, o termo “resolução” da L1 parece estar mais próximo ao contexto da L2,

favorecendo a equivalência pragmática, diferentemente do substantivo “solução” que parece estar mais distante, já que, na língua inglesa, o vocábulo “solving” significa “resolver”, justificando, assim, a utilização da palavra substantivada “resolução” e não do verbo no infinitivo (resolver) ou do substantivo “solução”.

Quanto à inserção de elementos, fator que contribui para a redistribuição sintática, percebemos a colocação da preposição “de” em quatro possibilidades: “resolução de problemas”, “solução de problemas”, “a resolução de problemas” e “de resolução de problemas”. Além da inserção do artigo “a”, na sugestão “a resolução de problemas”.

No que se refere à ordem canônica, é notável em todas as possibilidades a inversão do modificador “problem”, o qual na L2 vem anteposto ao termo “solving”, enquanto, na L1, apresenta-se posposto a este.

Finalizando a descrição da tradução automática (doravante TA) do primeiro grupo nominal “a complex process of problem solving”, observamos que, dentre as possibilidades sugeridas pelo Google Tradutor, a sugestão mais adequada, no que diz respeito à equivalência textual entre L1 e L2 é “um processo complexo de resolução de problemas”, pois vemos que, no texto “What is reading”, no qual está localizado tal grupo nominal, este vem após a forma verbal “is”, que na L1 significa o verbo “ser”. Sendo assim, temos a tradução do grupo nominal analisado inserido no contexto:

Texto L2:

Reading is not a straightforward process of lifting the words off the page. It is a **complex process of problem solving** in which the reader works to make sense of a text not just from the words and sentences on the page but also from the ideas, memories, and knowledge evoked by those words and sentences.

Texto L1¹:

A leitura não é um processo simples de decodificação de palavras na página. É **um processo complexo de resolução de problemas** em que o leitor trabalha para formar o sentido de um texto não somente das palavras e sentenças na página mas também das ideias, memórias, e conhecimento evocado por estas palavras e sentenças.

Partindo para o segundo grupo nominal “A good reader of a motorcycle repair manual”, inicialmente observamos a tradução do grupo, identificando as equivalências feitas pelo tradutor automático do Google, vistas abaixo, na figura 4 sobre o grupo em tela:

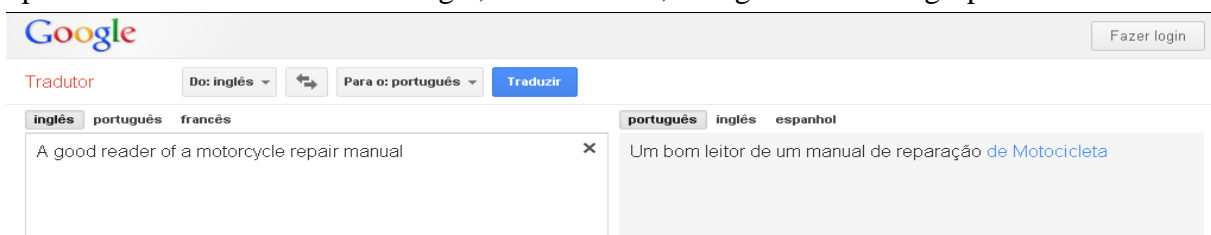


Figura 4: Tradução inicial do segundo grupo nominal. Acesso em 19 de abril as 10:00hs.

¹ Tradução feita por nós com o auxílio do Google Tradutor e de nosso conhecimento acerca das línguas inglesa e portuguesa.

Assim, o grupo na língua inglesa “A good reader of a motorcycle repair manual”, tem como núcleo o termo “reader”, uma vez que este vem posposto ao adjetivo “good”, bem como, antes da preposição “of”, já que no inglês, como foi dito anteriormente, os adjetivos são antepostos aos substantivos, os quais, se tratando do núcleo, são antepostos a preposição, se esta estiver presente no grupo.

Ao observarmos a tradução feita às 22h05min do dia 19 de abril de 2012 “um bom leitor de um manual de reparação de motocicleta”, notamos que, na primeira parte do grupo nominal “um bom leitor de”, temos a permanência da ordem canônica da L2, diferentemente da segunda parte “um manual de reparação de motocicleta”, em que houve a inversão do termo “manual”.

Além da tradução elegida por nós, o programa sugere outros termos que nem sempre podem substituir os termos escolhidos, devido as equivalências. Vejamos, na figura 5 abaixo:

a)

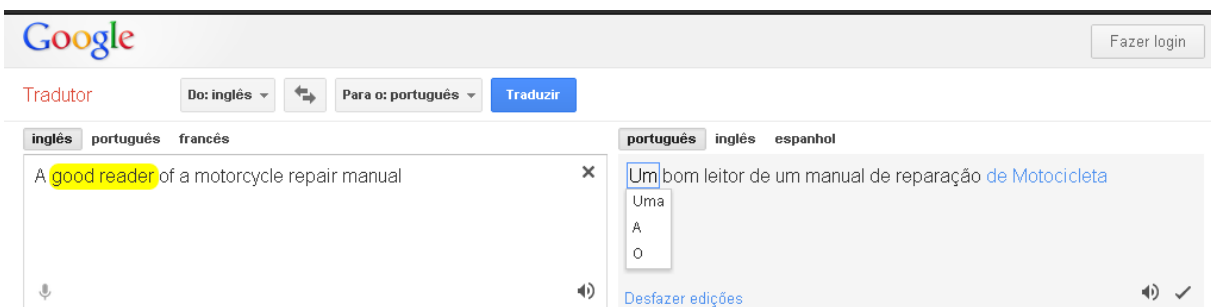


Figura 5: Possibilidades de traduções apresentadas pelo programa para o artigo da primeira parte do segundo GN. Acesso: 19 de abril de 2012 às 22h10min.

Dentre as sugestões para a substituição do artigo, temos a possibilidade de usar o artigo definido “o” e “a”, e o indefinido “uma”, porém, estes estão inadequados ao nível textual, pois o artigo “o” especificaria o “bom leitor”, não sendo esse o foco do texto, e os artigos “a” e “uma” estão inadequados ao contexto, pois estão no gênero feminino, não concordando em gênero com o substantivo “leitor” e o adjetivo “bom”.

b)

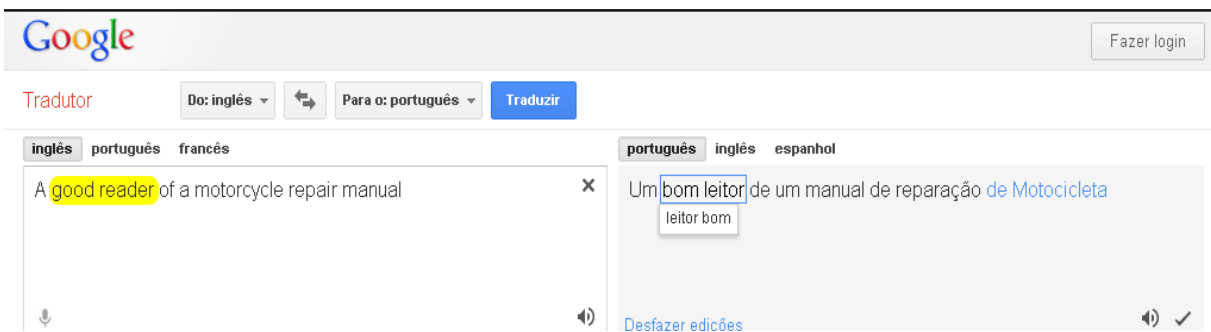


Figura 6: Possibilidades de traduções apresentadas pelo programa para “good reader” da primeira parte do segundo GN. Acesso: 19 de abril de 2012 às 22h15min.

Vejamos na figura presente acima que, para a tradução “bom leitor”, o programa permiti-nos ou não realizar a inversão da ordem canônica da língua inglesa. Sendo que, ao

traduzirmos, percebemos que tal atividade gera uma equivalência lexical diferente, pois em L1, “bom leitor” pode significar “um leitor proficiente” e “leitor bom” resultaria na determinação uma pessoa bondosa.

c)

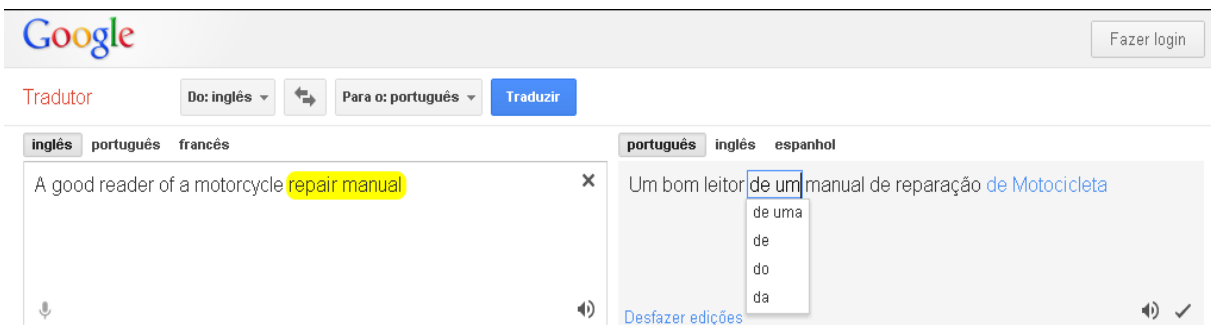


Figura 7: Possibilidades de traduções apresentadas pelo programa para “of a” do segundo GN. Acesso: 19 de abril de 2012 às 22h30min.

Considerando as possibilidades colocadas acima, para o uso dos termos compostos por preposição no grupo nominal em tela, identificamos, além do conjunto escolhido “de um”, o qual não especifica o “manual de reparação da motocicleta”, os termos “de uma”, inadequado por está no gênero feminino, e “de”, “do” e “da”, dentre os quais, “da” também é inadequado por ser do gênero feminino. Já as preposições “de” e “do” mudariam o sentido do grupo, no plano do nível lexical, pois se utilizássemos “um bom leitor de manual de reparação da motocicleta” daríamos a ideia de que o leitor só ler “manual”, bem como se usarmos “um bom leitor do manual de reparação da motocicleta” daríamos a entender que há um manual específico.

d)

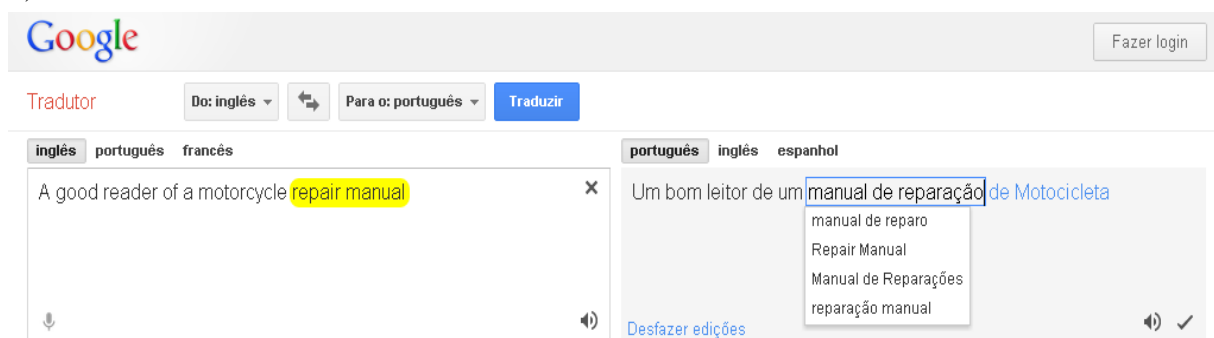


Figura 8: Possibilidades de traduções apresentadas pelo programa para “repair manual” da segunda parte do segundo GN. Acesso: 19 de abril de 2012 às 22h40min.

Nesta figura, vemos, além da sugestão escolhida “manual de reparação”, quatro diferentes possibilidades de tradução que estão no plano pragmático, se obervarmos o uso dos termos, e lexical no que se refere ao sentido das palavras. Ao verificarmos as sugestões: “manual de reparo”, “Repair Manual”, “Manual de reparações” e “reparação manual”, notamos, primeiramente, que é possível utilizarmos “manual de reparo” ou “manual de reparações”, no entanto, o mais adequado ao contexto foi o escolhido. Já “Repair Manual”, analisado no plano da pragmática, nos permite determiná-lo como nome próprio, enquanto “reparação manual”, no nível gramatical, nos mostra que houve uma mudança na função das

palavras, pois, nas demais possibilidades, “manual” era substantivo e “reparação” adjetivo, mas nessa, “manual” veio caracterizando “reparação”.

Quanto à equivalência gramatical, percebemos a inserção da preposição “de”, em algumas das possibilidades sugeridas pelo tradutor automático da internet, sendo estas: “Manual de reparação”, “Manual de reparo” e “Manual de reparações”.

e)

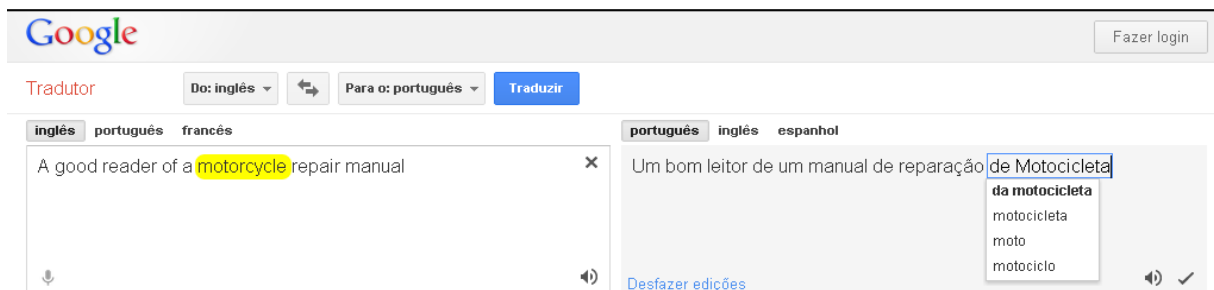


Figura 9: Possibilidades de traduções apresentadas pelo programa para “motorcycle” da segunda parte do segundo GN. Acesso: 19 de abril de 2012 às 23h00min.

Olhando as possíveis ocorrências acima colocadas, além da escolhida “de motocicleta”, identificamos que no nível da equivalência lexical e pragmática, temos a possibilidade de usarmos “motocicleta”, “moto” ou “motociclo” por serem considerados sinônimos, embora este último seja menos usual.

Ainda temos, em tais sugestões, a inserção da preposição “de” na redistribuição sintática (nível gramatical), já que na L2, “motorcycle” não possui preposição, enquanto, na tradução para L1 tem, nas possibilidades “da motocicleta” e “de motocicleta”, sendo a primeira mais específica, no que diz respeito a uma motocicleta dentre os transportes, e esta referente ao meio de transporte “motocicleta”.

Enfim, para o grupo nominal “A good reader of a motorcycle repair manual”, observamos que a possibilidade de tradução mais adequada, no que se refere a equivalência textual, é “um bom leitor de um manual de reparação de motocicleta”, pois, no texto da L2 “What is reading” que engloba tal GN o autor não trata de um leitor específico, neste caso “o leitor de um manual de reparação de bicicleta”, já que ele só cita este como exemplo. Vejamos no contexto:

Texto L2:

(...) **A good reader of a motorcycle repair manual** can make sense of directions that might stump an English literature professor, but may be unable to comprehend her son’s chemistry text.

Texto L1²:

² Tradução feita por nós com o auxílio do Google Tradutor e de nosso conhecimento acerca das línguas inglesa e portuguesa.

(...) **Um bom leitor de um manual de reparação de motocicleta** pode construir sentidos para direcionar um professor de literatura inglesa, mas pode ser incapaz de compreender um texto de química de seu filho.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos o trabalho fazendo breves considerações sobre a língua inglesa, sua importância como língua global, e o surgimento do tradutor automático, instrumento importante no auxílio da tradução humana. Posteriormente, debruçamo-nos no estudo das equivalências, cujo conhecimento é necessário no momento da tradução automática (BAKER, 2011), bem como os conhecimentos linguístico, textual e enciclopédico presentes no contexto de tradução.

Após fundamentarmos-nos em tais estudos, colocamos em prática nosso objetivo: descrever as traduções da língua inglesa para a língua portuguesa dos grupos nominais “a complex process of problem solving” e “A good reader of a motorcycle repair manual”, observando quais foram as equivalências utilizadas pelo Google Tradutor.

Descrevendo as traduções obtidas pela ferramenta, bem como observando as possibilidades sugeridas, podemos notar o quanto a ferramenta é útil na tradução humana, pois, embora muitos a consideram problemática, percebemos que os problemas não estão no instrumento, mas na má utilização dos recursos oferecidos por ele, as próprias possibilidades. Vimos o quão é necessário termos o conhecimento das equivalências tão citadas e estudadas acima, assim como, dos conhecimentos que compõe a língua, já colocados anteriormente. Se o falante não tem o conhecimento da estrutura da língua de chegada, não apresenta condições suficientes para a utilização de uma ferramenta que contribui para a tradução e não a adequa por conta própria, necessitando, dessa forma, do manuseio adequado daquele que o utiliza.

4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, Mona. *In other words: a coursebook on translation*. Routledge, UK, 2nd Ed, 2011.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso*. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRONCKART. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio discursivo*. São Paulo: Educ, 1999.

CRYSTAL, David, 1941- *A revolução da linguagem/ David Crystal; tradução, Ricardo Quintana; consultoria, Yonne Leite*.- Rio de Janeiro: Jorge Zachar Ed., 2005.

GOOGLE TRADUTOR. Tradutor automático. Disponível em:<www.translate.google.com.br>. Acesso em: 19 de abril de 2012.

MARCUSCHI, L.A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In; *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucena, 2003.

SANTOS, Cleidy Stone Chaves. *A tradução automática de gêneros textuais na esfera acadêmica*. III SINALGE, UEPB, Campina Grande, 2012. – no prelo.

SCHOENCACH, R., GREENLEAL, C., CZIKO, C., HURWITZ, L.. *What is Reading? An Expert from reading for. In.: understanding.* On: The quartely. Vol. 22. NO. 3, 2000.

SMITH, Ross. *Machine translation: potential for progress.* English Today 68, vol.17,n°04, Cambridge University Press, UK, 2001.